



**Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**  
**Faculdade de Tecnologia e Ciências Aplicadas - FATECS**

**Gabriela Favila Gallo Pereira**

21800670

**DESCONSTRUINDO A AMÉLIA:** Um podcast sobre o espaço da  
mulher na contemporaneidade

Brasília - DF

2021

Gabriela Favila Gallo Pereira

**DESCONSTRUINDO A AMÉLIA:** Um podcast sobre o espaço da mulher na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como um dos requisitos para a conclusão do curso de Jornalismo do CEUB – Centro Universitário de Brasília.

Orientadora: Mônica Igreja do Prado

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.(a): Mônica Igreja**  
**Orientadora**

**Prof.(a): Gilberto Costa**  
**Examinador**

**Prof.(a): Renata Bittencourt**  
**Examinadora**

Brasília

2021

## AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas para agradecer por este trabalho estar pronto. Primeiramente, não poderia deixar de agradecer meus pais por sempre me apoiarem, incentivarem meus estudos, pagar uma das minhas faculdades e me darem uma vida tão boa com muito amor, carinho e confiança envolvidos. Também agradeço ao meu irmão mais novo pelas risadas, carinho e o constante aprendizado sobre família e amor. Preciso também agradecer a meus avós, pela constante ajuda e conversas sempre que precisei.

Em seguida, meus amigos foram uma base fundamental para chegar aonde estou hoje. Com meus pais sendo uma das pernas para meu desenvolvimento acadêmico, meus amigos foram a outra perna que me impediu de cair ou desistir toda vez que achei que não fosse capaz de seguir duas faculdades simultaneamente. Foram trabalhos em grupo, conversas, risadas, palavras de incentivo, abraços toda vez que chorei ou quase chorei (de tristeza ou de cansaço), recomendações para trabalhos e projetos e diversos outros momentos que me motivaram a seguir em frente e seguir duas graduações.

Eu poderia citar nomes de amigos que vieram da infância para me trazer alegria; colegas que sala com os quais troquei ideias e sonhos nos corredores da faculdade; meus amigos de comunicação organizacional que sempre me ajudavam nos trabalhos e momentos da UnB; minha eterna dupla de trabalhos acadêmicos e de comer hambúrguer de sushi depois da aula; meus amigos que me recomendaram para estágios e projetos e acreditaram em mim até quando nem eu mesma acreditei; meus amigos que sempre foram um ombro amigo pra mim toda vez que eu ia chorar no banheiro por medo de notas e do futuro; e por aí vai.

Eu poderia citar o nome de cada um desses amigos, mas tenho medo de esquecer de alguém que me impactou de alguma forma. Porque, seja por me acompanhar há muito tempo, ou por uma conversa rápida no banheiro, aqueles que cruzaram comigo pelos corredores tanto do Ceub quanto da UnB ou simplesmente ao longo de minha vida pessoal me causaram alguma sensação. Pode ser de indiferença, admiração ou o contrário. Mas todas essas sensações somadas à minha história acadêmica cursando 10 matérias em um semestre, ou apenas 5 em outro, ou 4 de maneira online por um ensino à distância, moldaram grande parte da profissional que eu me tornei. Então deixo um agradecimento a todos que passaram pela minha vida, mesmo quem não permaneceu nela.

Não posso me despedir de parte da minha trajetória acadêmica sem agradecer aos meus professores. Aprendi diversos valores e me inspirei em muitos para ser uma pessoa curiosa, determinada e com forte cunho social. Ao longo de minha graduação, passei por disciplinas que me testaram como aluna e outras que me despertaram uma paixão e amores que estavam adormecidos ou foram criados devido a essas disciplinas. Um agradecimento especial a todos os professores que me elogiaram e que me criticaram para que eu pudesse crescer e ser uma pessoa e profissional melhor.

Foram muitas as vezes que duvidei da minha capacidade intelectual e profissional, e grande parte dessas pessoas, me ajudou a recuperar essa confiança quase perdida. Em especial deixo meu agradecimento ao Projeto “Agência de Notícias Uniceub” por ser um dos principais motivos por me fazer ter confiança e acreditar no meu trabalho e minhas convicções.

Finalmente, por mais cômico que pareça, quero agradecer a existência de artes e todas as formas de expressão que me mostravam e incentivaram a seguir minha faculdade acreditando em alguma coisa, nem que seja buscar tentar fazer alguma coisa para a sociedade, como a informação.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um projeto experimental para o desenvolvimento do podcast “Desconstruindo a Amélia”, criado com o propósito de discutir e ressignificar o papel da mulher na sociedade contemporânea. A proposta da autora é trazer um assunto diferente para cada episódio do programa, no qual será discutido o motivo porque a figura da mulher é minoritária e como mudar essa realidade. O foco do primeiro episódio (apresentado pela autora) é a participação feminina na política e os motivos de a presença ser tão escassa. Ao longo do trabalho, os conceitos ligados a gênero e o papel da mulher na política são discutidos, tais como seus obstáculos. Além disso, também são apresentados conceitos e referências de podcasting, assim como o episódio apresentado. Ao final do trabalho, a autora apresenta o passo a passo de como chegou ao resultado final de seu produto e anexa o roteiro do episódio que pode ser ouvido em: <<https://bit.ly/3cBwYIZ>>.

**Palavras-chave:** Jornalismo Político; Gênero; Podcast; Mulher na política

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
1.1 Justificativa .....	7
1.2 Problematização e Pergunta de Pesquisa.....	9
1.3 Objetivos.....	9
1.3.1 Objetivo Geral.....	9
1.3.2 Objetivos Específicos.....	9
1.4 Metodologia.....	10
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1 Podcasting.....	12
2.1.1 Produção e Tipos de podcast.....	13
2.2 Gênero.....	15
2.2.1 O Feminino e a Política.....	17
2.2.3 Violência Política de Gênero.....	18
<b>3. MEMORIAL DESCRITIVO.....</b>	<b>20</b>
3.1 Entrevistas e Produção.....	20
3.2 Roteiro.....	22
3.3 Edição e Trilha Sonora.....	23
3.4 Publicação e Arte.....	25
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>27</b>
REFERÊNCIAS.....	28
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>32</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) é um projeto experimental, o qual surgiu pela primeira vez como um trabalho acadêmico para a disciplina de radiojornalismo II, no segundo semestre de 2020. Como o material não foi publicado ou disponibilizado em nenhuma plataforma de áudio, a autora deste trabalho optou por reescrever, atualizar e aperfeiçoar a qualidade deste podcast e publicar em uma plataforma de áudio.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foi realizada uma reflexão sobre a relação entre jornalismo e gênero, sendo o podcast uma ferramenta para difundir esses questionamentos e aprendizados, focado no papel que as mulheres desenvolvem na contemporaneidade.

Este TCC é dividido em três capítulos: introdução, fundamentação teórica e memorial descritivo. No primeiro capítulo, são apresentadas as questões que levaram ao desenvolvimento deste trabalho, tal como escolha de tema. No segundo capítulo, a fundamentação teórica reforça a importância e motivo de se falar de gênero e como este é associado a um papel social na sociedade; e o terceiro capítulo evidencia o passo a passo de como o podcast foi desenvolvido.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Este projeto tem o objetivo de cumprir os principais requisitos para a conclusão da graduação em comunicação social - bacharelado em jornalismo - pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB).

Desde nova, como estudante, questionava os papéis impostos às mulheres dentro de uma sociedade patriarcal ao longo da história. Quando tinha 11 anos, estudei sobre a cidade de Atenas, na capital da Grécia, e não compreendia como uma cidade que tinha seu nome em homenagem a uma deusa - considerada a deusa da guerra e da sabedoria - não incluía as mulheres na arena política, democrática ou outras decisões relevantes para a sociedade ateniense - inclusive limitando seu direito de ir e vir, tendo a autorização de saírem de casa uma vez ao ano, com a autorização de seus maridos. Como diz a música “*Mulheres de Atenas*” do cantor Chico Buarque, “*Vivem pros seus maridos, orgulho e*

*raça de Atenas./[...] Quando fustigadas não choram / Se ajoelham, pedem, imploram /Mais duras penas, cadenas”.*

Ainda criança, quando brincava de bonecas com minhas amigas, não entendia o porquê de elas precisarem estar em apuros e serem resgatadas. Portanto, convencias minhas amigas a mudar os papéis da brincadeira, e as bonecas seriam as heroínas dos jogos.

Parte disso vem de uma criação em um ambiente questionador, além de ter uma mãe e avós que me incentivaram a trabalhar e tentar não depender dos outros, e que eu conseguisse resolver meus problemas sozinha. Com essa base familiar, ao final de meu ensino médio e início de minhas duas graduações comecei a estudar e analisar temas ligados ao feminismo (especialmente mulheres no campo das artes, outro tema de interesse pessoal).

Ao longo de minha jornada no curso de jornalismo, tive contato com diversos autores masculinos para os mais variados temas; mas a presença de mulheres ainda era pouca, salvo exceções como Lucia Santaella e Marilena Chauí. Em minha não tão extensa vida acadêmica e analisando tais assuntos, cheguei à conclusão de que isso é um reflexo e consequência de uma história que reprimia e não dava a mesma oportunidade para mulheres se desenvolverem intelectualmente, e de outras formas.

A vontade de produzir conteúdos jornalísticos com a temática de gênero, somada a meus interesses em rádio e locução, me fizeram concluir que este tipo de produto jornalístico é o que melhor se encaixa em minha proposta ao desenvolver este projeto.

O nome do podcast é baseado na música de mesmo nome da cantora Pitty, e uma resposta à música “*Ai que saudade da Amélia*” de Nelson Gonçalves. A música, de 27 de novembro de 1941, completou 80 anos no ano de publicação deste trabalho. Escrita por Ataulfo Alves e Mário Lago, ela conta a história de um homem que, ao criticar a atual mulher a compara com Amélia, a quem ele julgava ser “mulher de verdade”. As descrições associadas a esse termo, especialmente considerando como uma canção de referência na música popular brasileira, reforçam uma visão patriarcal ligada à figura feminina - uma mulher que não possui vaidade e aceita tudo o que o marido faz de bom grado, inclusive passar fome.

Com esses conceitos o nome se propõe a tentar reconstruir as características atribuídas à Amélia e, conseqüentemente, refletir e desconstruir ideias e conceitos patriarcais e mostrar que há diversos tipos de “mulher de verdade”.

## **1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E PERGUNTA DE PESQUISA**

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, as mulheres representaram cerca de 51,11% da população brasileira.

No segundo trimestre de 2021, a taxa de desocupação - ou seja, de pessoas que trabalhavam e posteriormente ficaram desempregadas - de mulheres (17,1%) foi superior à de homens (11,7%), segundo a PNAD Contínua Trimestral. Considerando que as mulheres tendem a assumir a maioria dos trabalhos domésticos, somando às menores chances de serem contratadas em determinados empregos por questões como possível gravidez e a responsabilidade quanto à maternidade (especialmente com as crianças em casa durante a pandemia de Covid-19), pode-se chegar à conclusão que ainda é esperado que mulheres cumpram papéis e normas que são consideradas condizentes ao que determina uma visão conservadora do que é ser uma mulher na sociedade.

Pierre Bourdieu considerava que as pessoas tendem a aceitar a realidade que é imposta a elas, de tal forma que isso se torne algo natural a ponto de não questioná-la (BOURDIEU, 1975).

Baseado nesses dados, elaborou-se como pergunta de pesquisa: “Como episódios de podcast podem levar a uma reflexão para mudar a sociedade patriarcal e dar maior voz e espaço às mulheres?”.

## **1.3 OBJETIVOS**

### **1.3.1 Objetivo Geral**

Este trabalho tem como objetivo geral refletir acerca da visibilidade feminina em contextos e situações em que elas ainda são minoria, a fim de ressignificar a ocupação deste espaço.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

Este TCC tem três objetivos específicos.

O primeiro é desenvolver o episódio “Política e Poder”, primeiro episódio do podcast “Desconstruindo a Amélia”, o qual consiste em retratar a participação feminina na política - tanto as candidatas quanto o eleitorado e a imprensa.

O segundo objetivo é trazer informações e debates acerca de qual é o papel da mulher na sociedade contemporânea. Cada episódio do podcast traz uma discussão diferente para ampliar o alcance de assuntos discutidos, além de buscar uma maior variedade de temas, posições e histórias.

Finalmente, o terceiro é documentar experiências de personagens e contextos históricos para exemplificar as vivências e o papel das mulheres na sociedade contemporânea, por intermédio das entrevistas que são realizadas para os episódios de podcast.

## 1.4 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com o auxílio de pesquisa bibliográfica sobre podcasts, assim como sobre jornalismo e gênero. Além disso, o estilo de podcast exigiu técnicas de apuração e entrevistas jornalísticas desenvolvidas ao longo do curso.

As pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina: Daiane Bertasso, Fernanda Nascimento e Jessica Gustafson afirmam que “*o Jornalismo é um dos espaços sociais de consolidação e/ou transformação dos valores sociais*” (2018, p. 02). Baseado nisso, as técnicas de apuração, reportagem e edição para o podcast deste TCC foram consideradas para trazer a este projeto experimental uma transformação dos valores sociais impostos à mulher.

Para o desenvolvimento do podcast, foram escolhidos outros quatro podcasts como referência. Os podcasts “**Cara Pessoa**”<sup>1</sup> e “**Café da Manhã**”<sup>2</sup>, ambos do jornal Folha de São Paulo, foram as principais referências para a estruturação e como conduzir o programa. Apesar de o primeiro trazer assuntos voltados para direitos humanos e o segundo trazer variados temas nacionais e internacionais, as narrativas são conduzidas pelos apresentadores, e especialistas são chamados para explicar algum assunto relacionado ao tema. Além disso, nos dois programas destas referências, em cada episódio

---

<sup>1</sup> Link do programa no Spotify: <[Cara Pessoa | Podcast no Spotify](#)>

<sup>2</sup> O podcast pode ser acessado em:

<<https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxFxMrxHrHh1lo?si=bf3533810edb42ee>> e <[A violência contra quem é do gênero feminino · Café da Manhã \(spotify.com\)](#)>

são usados dados (recentes ou não) e acontecimentos recentes para exemplificar melhor o foco do episódio.

Em “**Olhares**”<sup>3</sup>, de Aline Hack, a referência é em relação ao tema proposto pelo podcast. O foco do programa são as questões de gênero, especialmente o lugar da mulher em diversos pontos da sociedade. Outra referência, mais específica para o desenvolvimento do episódio deste projeto é o podcast “**Novo Normal**”<sup>4</sup>, original do Spotify em parceria com o “Agora É Que São Elas”. Tal como a referência anterior, este podcast é totalmente voltado para temática de gênero. Finalmente, a primeira versão do primeiro episódio de “Desconstruindo a Amélia” - desenvolvido em primeiro de dezembro de 2020 - também foi usado como referencial, visto que o episódio lançado por este trabalho é uma versão melhorada e atualizada do assunto (além de ter sido atualizado com maiores conhecimentos radiofônicos da autora).

Na primeira parte do trabalho, foram aplicados os referenciais teóricos e as pesquisas prévias para ter uma base e começar a escrever sobre o tema. Já na segunda parte são feitos os processos para escrever os roteiros para o podcast, seguindo uma ordem.

O primeiro passo foi realizar uma coleta de dados para o desenvolvimento do episódio, em sua grande maioria vinda das referências bibliográficas e pesquisas anteriores ligadas a gênero. Em seguida, as entrevistadas foram convidadas e, após aceitarem participar, as respostas foram gravadas para se iniciar a decupagem. Após selecionar as melhores partes das respostas, a autora do TCC organizou as informações dos dados e referências bibliográficas, além das informações concedidas com as respostas das entrevistas. Começa o desenvolvimento da escrita do roteiro. Durante o desenvolvimento do roteiro, foram aplicadas técnicas de linguagem de rádio e podcast (como procurar escrever as frases em ordem direta, com frases curtas e um vocabulário mais simplificado e menos rebuscado).

Ao terminar de escrever o roteiro do episódio, a autora foi gravar as locuções. Finalmente, foi iniciada a edição do produto, usando os artifícios e referências sobre produção e estudos de podcast, pesquisado e desenvolvido nas referências bibliográficas ligadas a podcasting.

---

<sup>3</sup> Acesso o programa pelo Spotify:

<<https://open.spotify.com/show/2NTrA1XFtjZDPMGL8clDRN?si=05e31bc8c506408a>>

<sup>4</sup> Acesse o episódio pelo Spotify: <[A violência política de gênero no Brasil · Novo Normal \(spotify.com\)](#)>

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 PODCASTING

Podcasting é um processo midiático baseado em emissões sonoras que utiliza a Internet como suporte para seu funcionamento e propagação de suas mensagens (VANASSI, 2007). A ideia de difundir um conteúdo sonoro, semelhante a uma rádio, pela internet surgiu pela primeira vez por Adam Curry, ex-apresentador do canal norte americano MTV, em 2004. A palavra vem do inglês (i)pod - *personal on demand* (traduzindo, pessoal sob demanda) somado com *broadcast* (radiodifusão). Entediado com as mesmas funções em seu trabalho como apresentador, Curry idealizou o podcast como uma ferramenta onde o público pudesse escolher o que fosse ouvir no horário que mais lhe agradasse.

O termo “podcasting” foi citado pela primeira vez pelo jornalista do jornal The Guardian, Ben Hammersley, como uma comparação a um *audioblog*. “O nome acabou sendo adotado posteriormente para o novo sistema de transmissão de dados”. (LUIZ, L; ASSIS, P; 2010, p. 03).

O podcasting não é um substituto do rádio. Meditsch o classificava como um tipo de serviço fonográfico, “não se caracterizando como radiofônico por não ser emitido em tempo real” (MEDITSCH, 1999 apud BUFARAH, 2003, p. 10). Com isso, pode-se classificar o podcasting como uma reinvenção de áudio capaz de ser mais acessível e versátil. Na mesma linha de pensamento, Medeiros considerava a nova ferramenta com um maior “poder de emissão”.

[...] a grande inovação que o Podcasting propõe: o “poder de emissão” na mão do ouvinte. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia. Cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira que lhe convier (MEDEIROS, 2005, p. 05)

O primeiro podcast a surgir no Brasil é o “Digital Minds”, também formado em 2004, por Danilo Medeiros. O principal conteúdo do programa estava ligado à tecnologia. Nos meses seguintes, ocorreu o crescimento gradual de falantes em podcast, como o “podcast do Gui Leite” e “Perhappiness”, de Rodrigo Stulzer.

Apesar de os três estarem descontinuados, eles serviram como referência e deram início aos falantes de podcasts no Brasil fomentarem o desenvolvimento de um cenário comunicativo que superasse a esfera unidirecional dos meios tecnológicos tradicionais (FREIRE, 2017). Em 2005, foi realizada a primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), onde foi fundada a Associação Brasileira de Podcast (ABPod).

Atualmente, o podcast mais antigo e popular que ainda continua é o Nerdcast, podcast do site Jovem Nerd, produzido por Alexandre Ottoni e Deive Pazos. O programa trata de assuntos desde história e tecnologia à cultura pop e foi pioneiro na questão financeira de podcasts. Os criadores introduziram propagandas pagas durante as transmissões, o que chamou a atenção de muitas empresas e fez com que o segmento crescesse, especialmente economicamente, no Brasil (FREIRE, 2017). Crescimento esse que aumentou durante a pandemia de Covid-19.

Segundo um levantamento realizado pelo Grupo Globo em parceria com o Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), entre setembro de 2020 e fevereiro de 2021, o Brasil ocupa o quinto lugar entre os países com crescimento mais acelerado de adeptos ao formato podcast. A pesquisa aponta que, neste período, o consumo de podcasts cresceu 57% na pandemia. A produção de podcasts aumentou ainda mais, chegando a um crescimento de 103% em 2020, segundo um relatório da Voxnest, empresa norte-americana referência em dados para a indústria de podcasts.

Quanto ao tema gênero, as mulheres ainda não se destacam no mercado de podcasts no Brasil. Segundo o último relatório da Podpesquisa Produtor 2020/2021, apenas 27,3% dos produtores de podcast no Brasil eram mulheres. A pesquisa também aponta entre 20 milhões e 34,6 milhões de ouvintes de podcast no Brasil no mesmo período.

### **2.1.1 PRODUÇÃO E TIPOS DE PODCAST**

Em teoria, para se produzir um podcast basta que o usuário capture o áudio e crie um arquivo de som para ser disponibilizado na Web (MEDEIROS, 2005). A produção de um podcast não exige conhecimento técnico avançado. Em teoria, qualquer pessoa com um computador, fones de ouvido, algum microfone ou aparelho de captação de áudio e uma placa de áudio com capacidade de gravação e reprodução de sons está habilitada a produzir podcasts.

Ainda que a tecnologia informática e o know-how necessários não estejam acessíveis a todo cidadão brasileiro, o custo é, realmente, muito inferior ao usado para montar uma emissora de rádio. Existentes as condições mínimas de acesso à internet, a condução de entrevistas e debates com pessoas em qualquer lugar do mundo torna-se facilitada. (PRIMO, 2005, p. 09).

Entretanto, apesar da criação de um podcast ter um custo relativamente baixo, os criadores desse tipo de conteúdo precisam ter bastante dedicação com seu produto. Juliana Souza (2020) afirmava que a mídia exige conhecimento e dedicação dos produtores, além de recursos financeiros - mesmo que não elevados - para remunerar os diferentes profissionais envolvidos e adquirir o mínimo de equipamentos necessários para o desenvolvimento dos programas. Ela classificou cinco etapas básicas para a elaboração de um podcast: produção, gravação, edição, publicação e distribuição.

Antes de começar a produção de seu podcast, é necessário determinar sobre o que seu programa irá falar e qual o formato discutido, além de público-alvo.

Em geral os podcasts são programas de áudio criados por produtores independentes (FREIRE, 2015), portanto, eles são produzidos por indivíduos sem vinculação com corporações de mídia, tendo um público alvo específico e pequenas audiências segmentadas (CARVALHO, 2013). Entretanto, a expansão desse mercado tem mudado esse cenário, especialmente com a entrada de organizações de imprensa como a Globo e de streaming como o Spotify. Como citado anteriormente, parte dessa expansão vem das propagandas pagas

Mazzeu (2020) classifica sete categorias diferentes de podcasts. A primeira é o podcast de **entrevistas**, aqueles onde o foco são os entrevistados. O segundo é o podcast de **discussão**, onde o foco é debater sobre uma temática específica, portanto, ele é muito semelhante a uma conversa; um exemplo é o podcast “Foro de Teresina”, podcast da revista Piauí. Ambas as categorias são muito utilizadas em programas de “mesa redonda” (termo usado quando há um encontro de duas ou mais pessoas para discutir um tema em comum), às vezes juntando um formato com o outro no mesmo programa. Este é o caso do podcast “Mamilos”, que traz entrevistas para reforça a discussão do tema tratado.

O terceiro formato, semelhante a programas de rádio, é o podcast **programa**. Já o quarto é o podcast **jornalístico**, usado para fins informativos; diferentemente do podcast de discussão, neste formato as notícias são dadas de forma mais objetiva. Um bom exemplo é o podcast “O Assunto”, podcast do G1. Além desses, Mazzeu também

classifica o podcast de **histórias**, semelhante às radionovelas que contavam histórias de ficção ou não - que podem ser um tipo de podcast narrativos. Atualmente, diversos podcasts são conduzidos de forma narrativa, na qual o apresentador narra e conduz o assunto principal, como é o caso do podcast que está sendo produzido para este trabalho.

Mazzeu finaliza com os formatos de podcast de **meditação**, este voltado para um nicho muito específico e o podcast **educacional**, que foca em ensinar algo ou transmitir conhecimentos - um exemplo recente para crianças e adultos é o podcast “Coisa de Criança”, da Abrace Podcasts.

Além destes estilos, ele não considerou os gêneros ligados à Cultura Pop, Humor e Comédia, Ciência, História e Política, que são os gêneros de podcast mais escutados no Brasil em 2019, segundo a PodPesquisa de 2019.

Estabelecido seu formato de programa, e quantas pessoas serão necessárias para gravá-lo, “os podcasters denominam o formato de como se dará o desenrolar da gravação” (FREIRE, 2015). Segundo Primo, “o podcasting permite a gravação de programas em áudio mesmo em situações de mobilidade, sem que se precise contar com uma estrutura profissional de produção de áudio” (2005, p. 8).

Quanto à edição, o tempo “vai depender da durabilidade da gravação, da quantidade de faixas de áudio, do estilo do podcast e do grau de perfeccionismo do editor” (SOUZA, 2020, p. 9). Trilhas e efeitos sonoros, assim como o próprio silêncio precisam ser delimitados e editados, dependendo da intenção do produtor do podcast.

Já a publicação e a distribuição podem ser realizadas em plataformas e sites como Spotify, Deezer, Anchor, SoundCloud, dentre outros. Primo (2003) ressalta que essa distribuição se difere dos modelos de rádio, visto que os programas de rádio são sintonizados pela audiência e no podcasting os receptores já recebem o programa em sua totalidade; podendo ouvi-lo a hora que escolherem, dado que a sua produção e publicação não coincidente com o tempo de escuta.

## 2.2 GÊNERO

O foco deste projeto está na relação da mulher, como gênero feminino, em um novo contexto de contemporaneidade. Foucault (1992) analisa o quanto o produto de discursos considerados verdadeiros tem sido atribuído a contextos sociais e resultam na propagação de ideias, como o senso comum de considerar a mulher como o “sexo frágil”.

Na mesma linha de pensamento, comparando o senso comum ao hábito, Pierre Bourdieu considerava que o princípio do habitus como uma natureza socialmente constituída, de uma intencionalidade sem intenção (Bourdieu, 1987, p. 22). Ele é adquirido por aprendizagem explícita ou implícita, e funciona como um sistema de esquemas geradores de estratégias que podem ser objetivamente conforme aos interesses dos seus autores, sem terem sido concebidas com tal fim (Bourdieu, 1984, p. 119).

Neste TCC, quando abordamos o espaço da mulher em campos onde a presença dela é minoritária, nos referimos a espaço de poder - especialmente quando nos referimos à política. Tomaz Tadeu da Silva considerava que o “poder” vinha acompanhado de diversas marcas.

São outras tantas marcas da presença poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós e eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais, eles são anormais”) (SILVA, 2000, p. 81)

Quando se trata de gênero, a filósofa Judith Butler reforçava que o gênero não era uma construção social e nem uma essência, mas uma produção do poder. “Gênero extrapola os corpos, constituindo e sendo constituído pelas instituições sociais e práticas sociais.” (BUTLER, 2003).

Na mesma linha, Simone de Beauvoir defendia em seu livro “O Segundo Sexo” que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (1967). Na obra, Beauvoir compara a infância de uma menina com a de um menino e chega à conclusão de que, até os 12 anos de idade, as meninas são tratadas como iguais a seus semelhantes, inclusive intelectualmente. A mudança no desenvolvimento dessa criança passa a valer quando essa menina começa a se tornar mulher, tendo seu gênero como determinante para que ela assuma papéis já pré-determinados a essa mulher em construção.

Foucault (2013) considerava que conhecemos o gênero e, tanto as formas pela qual conhecemos quanto o sujeito que o conhece, são efeitos da implicação entre poder e saber e suas transformações históricas. Nesta linha de transformações históricas, encaixamos as pesquisas ligadas a gênero e o jornalismo feminino e feminista. Assim como estes podem ser encaixados como ferramentas de mudanças, a política e sua participação nesse meio traz maior pluralidade de vozes e, conseqüentemente, mudanças.

## 2.2.1 O FEMININO E A POLÍTICA

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, o constante questionamento foi de como as mulheres representam mais da metade da população e ainda tem espaço limitado nas tomadas de decisões. Tanto o site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) quanto o do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), classificam que as mulheres representam 51% da população e do eleitorado brasileiro. Entretanto, a primeira vez que os mandatos femininos na Câmara dos Deputados chegaram a 15% aconteceram na última eleição, nos mandatos de 2019 a 2023 (representando 77 das 513 cadeiras do parlamento). Já no Senado Federal as candidaturas eleitas ainda não chegaram aos 15%. Na última eleição, 12 vagas das 81 disponíveis foram ocupadas por mulheres.

Isis Queiroz e Sofia Ferraz (2021) avaliam que:

Entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável definidos pela ONU (2015), tem-se a Igualdade de Gênero que busca legitimar a garantia e participação plena das mulheres por meio da igualdade de oportunidades de lideranças em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública. Além disso, é importante ressaltar que o esforço para tal direito ser legitimado não é suficiente para extinguir a discriminação contra a presença da mulher em espaços públicos, como na política” (QUEIROZ, FERRAZ, 2021, p. 02)

Diante do cenário citado anteriormente com um crescimento, ainda que lento, da figura feminina em campos de poder, Miranda (2019) tinha duas considerações quanto à entrada da mulher na política 1) há conquistas; 2) há muito mais barreiras do que conquistas.

Em entrevista com a cientista política da Universidade Federal de São Paulo (USP), Hannah Maruci considera que uma barreira para a participação feminina na política, está ligada aos estereótipos de gênero. Visto que, desde quando se nasce, o seu gênero tido como biológico traz diversas expectativas sobre suas características e seu papel social - tal como Beauvoir cita quando “se começa a virar mulher”. Segundo Maruci<sup>5</sup>, essas características ligadas ao feminino não consideram mulheres aptas a fazer política.

---

<sup>5</sup> Primeira entrevistada para o desenvolvimento do podcast. As respostas da cientista política também foram usadas como base para

“[...] Isso gera como uma forma estruturante, a noção de que a política não é o lugar que a mulher deve ocupar. Então, essa é a barreira que eu diria social e ela serve pros dois lados, tanto pras mulheres terem, realmente, um receio em entrarem nessa área, em em se candidatarem, tanto quanto pro eleitorado. Lembrando que o machismo é estrutural, que a gente tem que então pensar em como desconstruir essa base, em como conscientizar o eleitorado” (MARUCI, 2020)

### **2.2.2 VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO**

Uma reação muito presente dentro dos parlamentos é o uso da chamada “Violência Política”, contra parlamentares mulheres. Segundo a ONU Mulheres, a violência política de gênero é “qualquer ação, conduta ou omissão que, com base no gênero, cause danos ou sofrimento a uma ou mais mulheres”. Esse dano pode ser tanto físico quanto psicológico ou moral, visando impedir que alguma mulher tenha acesso a condições mínimas dentro de um espaço, usando como justificativa seu gênero. São casos como não ter banheiros femininos em algum lugar; não oferecer a mesma quantidade de dinheiro para candidaturas mulheres em relação à homens; espalhar boatos caluniosos; xingamentos ou agressões verbais; assédio moral e sexual e, nos piores casos, ameaças seguidas de agressão física e morte.

Um exemplo acerca de assédio moral e sexual aconteceu em dezembro de 2021, em São Paulo. A deputada estadual Isa Penna (PSOL) venceu o processo de importunação sexual contra o deputado Fernando Curry (Cidadania). A acusação veio após o parlamentar passar a mão nos seios da parlamentar durante o intervalo de uma sessão de votação do orçamento do estado. Uma câmera de segurança da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) flagrou o ato e, após uma aprovação de 86 votos a favor e nenhum contra, a Alesp decretou a perda temporária do mandato de Curry por 180 dias, em abril de 2021.

A violência política também pode ser usada como chantagem para conduzir mulheres a tomarem decisões contrárias à sua vontade. Violência política está diretamente ligada ao apagamento da mulher, tal como silenciá-la.

Em 13 de julho de 2021, o Senado Federal aprovou o Projeto de Lei (PL) 5.613, de 2020, proposto pela Deputada Federal Rosângela Gomes, o qual estabelece normas para prevenir, sancionar e combater a violência política contra a mulher. Em 5 de agosto, o projeto foi sancionado pelo presidente da República (Jair Bolsonaro, sem partido) e

passou a ser lei. Entretanto, mesmo com a sanção da Lei isso não quer dizer que o direito à voz para mulheres está assegurado.

Pouco após o projeto ser sancionado, em 21 de setembro de 2021, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) foi chamada na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, de “descontrolada” pelo ministro Wagner Rosário (Procuradoria Geral da República), após afirmar que ele estava “passando pano” para os atos do governo federal. Após o xingamento, a bancada feminina - uma das poucas representantes de mulheres na CPI da pandemia - se posicionou contra e o resto da sessão foi marcado por bate-bocas, perdendo o foco da sessão.

A tentativa do ministro em se defender da acusação da senadora, mostrou uma “queda de nível” em tentar respondê-la. Ao invés de tentar se defender, ele a ataca reduzindo seu argumento quase como impróprio por considerar que ela estava “raivosa”. Este seria o mesmo tipo de reação caso dissesse que a senadora estava “histérica”. Vale ressaltar que o termo grego “hystéra” significa “útero”. Portanto, quando alguém chama uma pessoa (em especial uma mulher) de “histérica”, ela literalmente está dizendo que a outra pessoa tem útero. Portanto, uma reação constante quando uma mulher tenta ter voz em um espaço de poder, é associá-la a seus estereótipos de gênero, ligados a uma visão negativa do que é ser mulher.

### **3. MEMORIAL DESCRITIVO**

A proposta inicial deste trabalho era desenvolver dois episódios do podcast. Entretanto, devido à falta de tempo, a autora optou por entregar apenas o primeiro episódio bem desenvolvido, a fim de não prejudicar a qualidade do produto jornalístico.

O interesse em desenvolver algum produto jornalístico veio desde o primeiro semestre do curso, quando a autora passou a ter o primeiro contato com análises ligadas à política. Porém, a ideia em produzir o conteúdo em formato de podcast surgiu no sexto semestre do curso de jornalismo, na disciplina de radiojornalismo II.

#### **3.1 ENTREVISTAS E PRODUÇÃO**

A primeira parte da produção do podcast foi a elaboração das entrevistas. Pela temática do programa discutir sobre o espaço da mulher em ambientes onde são minorias, entrevistadas mulheres foram priorizadas. Os critérios de escolha das entrevistas foram determinados por experiência no assunto - seja experiência teórica, por estudos, ou prática presenciando o tema em seu cotidiano - e disponibilidade.

Todos os tipos de entrevistas são temáticas, ou seja, conduzidas de forma a se aprofundar no assunto escolhido; o que reforça a seleção de especialistas ou pessoas que dominem o tema. Além disso, a entrevista para a terceira entrevistada (a Jornalista Nathalia Pase) também pode ser enquadrada como uma entrevista testemunhal, visto que a profissional da imprensa participou e acompanhou ao vivo o que relatou quanto à diferença de tratamento entre parlamentares homens com as mulheres.

As perguntas no geral são abertas, por se tratar de um programa que busca o debate; portanto, se referem ao entendimento e ponto de vista do entrevistado. O restante das perguntas também podem ser classificadas como objetivas, para o entrevistado não desviar de assunto durante a resposta, e fechadas ao solicitar que a entrevistada esclareça sobre o questionamento.

Devido à pandemia de Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas a distância. A autora entrou em contato prévio com as entrevistadas por conversas de WhatsApp, explicou o assunto a ser tratado e enviou as perguntas previamente. Todas as entrevistadas enviaram as respostas em áudio via WhatsApp no mesmo dia ou no dia seguinte.

Como o primeiro episódio começou a ser desenvolvido anteriormente, duas entrevistas foram reaproveitadas. As entrevistas e assuntos foram divididos para o desenvolvimento do roteiro, segundo o Quadro 1 - Divisão de entrevistas e assuntos discutidos - abaixo:

Quadro 1 - Divisão de entrevistas e assuntos discutidos

<b>Entrevistada</b>	<b>Data da entrevista</b>	<b>Assunto</b>
Hannah Maruci - cientista política (USP)	07/12/2020	Contexto histórico e político da relação entre a política e mulheres; violência política; Lei de Cotas; Representatividade feminina na política
Debora Messemberg - socióloga (UnB)	08/12/2020	Lei de Cotas; Representatividade feminina na política; Relação público-privada entre a mulher e a política
Nathalia Pase - jornalista que cobre política nacional (BandNews)	16/10/2021	Relatos de diferentes tratamentos entre os parlamentares homens com as parlamentares mulheres; Representatividade feminina na política

Fonte: elaboração própria da autora

Após a coleta, foi realizada a decupagem das entrevistas para selecionar as melhores colocações e respostas; a fim de reforçar, esclarecer ou exemplificar a colocação retratada no roteiro. Quando a entrevistada citava algum dado, a autora do TCC checkou as informações para verificar se estavam atualizadas.

Após a seleção das melhores respostas, foi realizado um rascunho para a ordem de assuntos que foram tratados no roteiro.

### 3.2 ROTEIRO

O episódio do podcast é dividido em três blocos. O primeiro trata do contexto histórico e político sobre a relação entre a figura feminina e a política. O segundo relata sobre a atual relação entre as mulheres no ramo da política - e a contradição entre serem maioria do eleitorado, mas minoria na participação ativa e tomadas de decisões -, tal como o conceito de violência política e exemplos para ilustrar como parlamentares mulheres são tratadas de maneira diferente em relação aos parlamentares homens. Finalmente, o terceiro bloco fala sobre a política de cotas nos partidos políticos (que determinam um mínimo de 30% de candidaturas femininas em cada partido) e a importância de uma maior representatividade feminina na política (que traz uma maior pluralidade de pensamentos e discussões para políticas públicas).

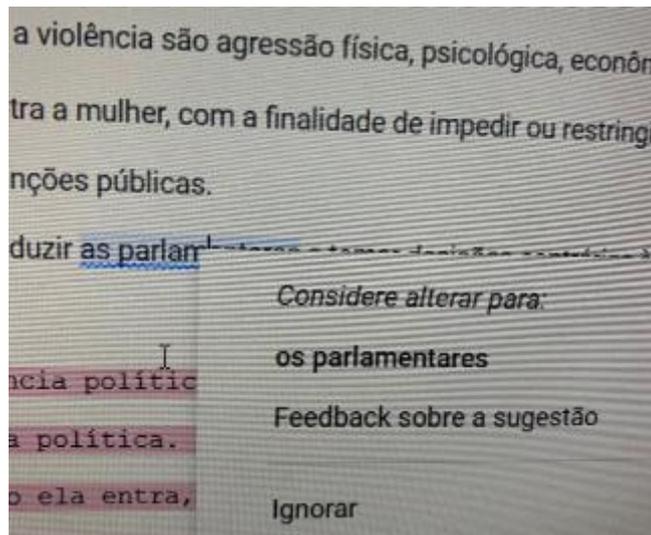
Delimitada a estrutura do roteiro, os argumentos e dados apresentados foram apurados e pesquisados ao longo do desenvolvimento do texto. Os sites selecionados na apuração dos dados são sites oficiais e confiáveis - como o site do IBGE; Agência Brasil; ONU Mulheres Brasil; Portal da Câmara dos Deputados, Agência Senado, dentre outros. Com o recorte das entrevistas encaixados de forma a dar maior dinâmica e fluidez no roteiro e, conseqüentemente, na narração.

A linguagem escolhida para o roteiro é simples e de tom casual. Cada frase é separada em tópicos - com exceção da fala das entrevistas - para facilitar a leitura da narradora, além de exigir uma linguagem direta e com frases curtas, típica de rádio.

Um ponto analisado durante o desenvolvimento do roteiro, foi a correção automática da plataforma escolhida para escrever o roteiro, o Google Docs.

Quando o roteiro se referia à violência política, também como uma forma de invisibilizar e reduzir ou apagar a voz de mulheres dentro do meio, a correção automática do google docs, sugeriu que o texto trocasse “as parlamentares” para “os parlamentares”, como segue no registro abaixo:

Figura 1 - Registro de sugestão para a mudança de artigo no termo “parlamentares”



Fonte: arquivo pessoal da autora do TCC

Apesar de ter sido uma sugestão e a plataforma não considerar o artigo escolhido como errado, podemos considerar que essa sugestão ilustra uma normalização de figuras ligadas a cargos de poder como masculinos.

Após a finalização do roteiro, ele foi gravado e seguiu para a edição.

### 3.3 EDIÇÃO E TRILHA SONORA

A edição seguiu exatamente o que estava no roteiro, especialmente na inclusão de trilhas sonoras e transições entre um bloco e outro. Toda edição foi realizada no programa Sound Forge.

A narração das locuções foi gravada em tom casual, procurando trazer leveza para um tema sério, com pontuações sonoras de questionamento ou mudança de tom, quando necessário, para trazer maior proximidade com o ouvinte; trazendo a proposta de podcasts que simulam uma conversa. Respirações excessivas e erros de gravações foram cortados. Cada sonora das entrevistas estava nomeada com o tempo que seria rodado, e como já estava decupada, a edição precisou apenas selecionar a parte já delimitada. Além disso, na edição das entrevistas foram retiradas excessivas repetições de palavras e sonoridades como “né?”.

A sonorização deste podcast foi pensada para compor a proposta do tema como um todo. Os BGs e trilhas são usados como “pausas” para o ouvinte não se perder e a narrativa não ficar cansativa.

Como trilha de abertura e encerramento para todos os episódios do programa, foi escolhida a música “Mulher Maravilha”, da banda Terra Celta, uma banda brasileira de folk rock. A escolha da música vem de sua letra, que conta três histórias de mulheres que desafiaram questões patriarcais ligadas à sociedade, cada uma de sua forma. Entretanto, para não ficar muita informação de uma vez, foi selecionado o instrumental da música, que possui um ritmo animado para combinar com o restante da trilha. Como a parte selecionada é muito extensa (30 segundos), para a abertura foram selecionados os primeiros 19 segundos e os 11 segundos restantes para o encerramento.

Por se tratar de uma música que não está disponível nas bibliotecas sonoras gratuitas pesquisadas, a autora entrou em contato com a banda, através de suas redes sociais. A banda aceitou o uso da música, desde que nomeada, como mostra o registro abaixo:

Figura 2 - Registros da conversa via Instagram com a banda.



Fonte: arquivo pessoal da autora do TCC

Para a trilha que separa um bloco e outro, foi selecionada a música “Desconstruindo a Amélia”, da cantora Pitty. Esta música que inspirou o nome deste podcast. O trecho selecionado são três segundos, marcados por acordes pesados de baixo e bateria. Além de ser algo quase obrigatório usar a música que inspirou o nome e proposta do podcast, o ritmo forte e marcante do trecho selecionado prende atenção do ouvinte, e traz a seriedade do assunto, mesmo com a casualidade da locução. A autora deste TCC tentou entrar em contato com a assessoria de comunicação da artista por e-mail (no site oficial da cantora) e pelas redes sociais, mas não obteve respostas até a publicação final do trabalho e finalização do produto. Portanto, a fim de reduzir ao máximo as chances de ser reconhecida e derrubada por direitos autorais, foram selecionados os três primeiros segundos da música.

Para finalizar, a trilha selecionada como transição dentro dos blocos - também usada para dar uma pausa na narrativa e não sobrecarregar o ouvinte de informações - é a música “Buckeye Banzai - Vans in Japan”. Tanto a música quanto o BG Retrocesso foram retirados da biblioteca de músicas do YouTube, de acesso gratuito

A escolha do rock como estilo musical é predominante na trilha sonora por ser um ritmo mais impactante, que entra em equilíbrio com o tom casual da narração. Assim, mesmo com a narração predominantemente leve, o ritmo da trilha sonora transmite a sensação de presença e, inconscientemente, mantém o ouvinte focado no assunto.

As narrações, sonoras, trilhas e BGs foram normalizados, tendo os devidos ajustes de volume a fim da sonoridade do programa ser a mesma do início ao fim.

### **3.4 PUBLICAÇÃO E ARTE**

A publicação do podcast foi realizada na plataforma SoundCloud, por sua praticidade e facilidade em compartilhar conteúdo. Posteriormente, a proposta é publicar o podcast e os próximos episódios e temporadas em plataformas como Spotify e Anchor. O programa pode ser acessado pelo link: <<https://soundcloud.com/gabriela-favila-gallo-pereira/00-podcast-versao-final-real-oficial/s-xyqZF5oigi?si=2aaf719882a64c209f186b7409a057c2>> ou pelo link: <<https://bit.ly/3cBwYlZ>>.

A arte de capa do programa é a mesma para todos os episódios e foi desenvolvida no Canva. A composição é em preto, branco e cinza para trazer a seriedade do assunto,

com uma faixa vermelha no centro, destacando o nome do podcast e qual é a sua proposta. As imagens que compõem a arte são diversas referências ao feminismo. O símbolo do feminismo foi colocado dentro de uma imagem de mãos dadas, simbolizando uma união pela mesma causa. A imagem de mulheres vendadas representa as manifestações feministas no Chile contra a violência de gênero, que ganharam repercussão internacional (ao final de 2019), por apresentar um discurso universal quando se trata de violência contra a mulher.

Segue abaixo a arte de capa - Figura 3 - Arte de capa do programa:



Fonte: arte elaborada pela própria da autora do TCC

## 4. CONCLUSÃO

Após o desenvolvimento deste trabalho, pode-se concluir que, mesmo as mulheres emancipando seus objetivos e lugares de atuação, o percurso e os obstáculos ainda são longos. Mesmo almejando (e, de certa forma, conseguindo) uma conclusão otimista de que é somente questão de tempo até mulheres alcançarem espaços de poder e referência, é preciso ser realista e concluir que diversos desafios precisam ser vencidos.

Durante a decupagem e seleção de sonoras das entrevistas, algo que chama a atenção é a forma como parlamentares mulheres são tratadas em relação aos homens, especialmente nos exemplos citados. Em todos os exemplos, as mulheres são tratadas como agressivas quando tentam se expressar ou se impor sobre alguém (no geral, um homem). Portanto, talvez a principal conclusão é a certeza de que, ao adentrar um ambiente em que se precisa ter voz, a capacidade da mulher será questionada, mas não deve ser determinada por seu gênero.

Outra conclusão necessária é reforçar como o gênero, tido como biológico ou não, não determina onde alguém deve estar ou não, muito menos seu papel social. Atualmente, inclusive a questão da identidade de gênero é relevante - as mulheres podem ser cis (se identificar com o gênero de biológico), trans (se identificar com o gênero oposto ao biológico), não binárias (transitar entre o gênero feminino e masculino), dentre outros.

Além disso, também se pode considerar o podcast, tal como a internet, como uma ferramenta de mudança e difusão de pensamentos. O objetivo de difundir um pensamento e reflexões sobre um tema usando a produção de um podcast como ferramenta e veículo principal foi concluído.

Os objetivos deste TCC foram atingidos e a autora pretende continuar o projeto futuramente. Ao longo do trabalho, a autora aprendeu e reforçou seus conhecimentos sobre rádio, podcast e sobre gênero (um assunto antes tão superficial). Com a entrega deste produto, a autora reforçou seus conhecimentos, além de ter percebido como o espaço da mulher ainda precisa ser conquistado, considerando esse um dos primeiros passos para chegar neste objetivo.

## REFERÊNCIAS

BEAUVIOUR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BERTASSO, Daiane; NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica. **Jornalismo e gênero: a emergência de uma disciplina é um relato de docência compartilhada**. Disponível em: < [Jornalismo e gênero: a emergência de uma disciplina e um relato de docência compartilhada | Revista Estudos Feministas \(ufsc.br\)](#)>. Acessado em: 17/09/2021.

BORGES, Iara Farias. Bancada feminina no Senado terá 12 integrantes em 2019. **Agência Senado**, 01 fev. de 2019. Disponível em: < [Bancada feminina no Senado terá 12 integrantes em 2019 — Senado Notícias](#)>. Acessado em: 15/09/2021.

BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução**. 7. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. 1. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim.; AGUIAR Cristina; MACIEL, Romana. **Taxonomia de Podcasts: da criação à utilização em contexto educativo**. Universidade do Minho, 2009.

CARVALHO, Paula Marques de. **Processo de Criação de Podcast: Análise dos recursos criativos do Nerdcast**. Faculdade Cearense. 2014.

CARVALHO, Paula Marques. **Procedimentos de construção de podcasts: O caso Nerdcast**. 2013 Carvalho, Paula Marques de. Podcast construction procedures: the Nerdcast case. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CATINO, Julián; et al. **PODPESQUISA PRODUTOR 2020 2021**. Brasil: abpod, 2021. Disponível em: < [Podpesquisa-Produtor-2020-2021\\_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf](#) >. Acessado em: 12/11/2021.

Estatística do Eleitorado. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: < [Estatísticas do eleitorado – Por sexo e faixa etária — Tribunal Superior Eleitoral \(tse.jus.br\)](#)>. Acessado em: 09/09/2021.

Estudo conduzido pelo PNUD e pela ONU Mulheres sobre direitos políticos das mulheres coloca o Brasil em 9º lugar entre 11 países da América Latina. **ONU Mulheres Brasil**, 24 set. de 2020. Disponível em: < [Estudo conduzido pelo PNUD e pela ONU Mulheres sobre direitos políticos das mulheres coloca o Brasil em 9º lugar entre 11 países da América Latina – ONU Mulheres](#) >. Acesso em: 02/09/2021.

FIRMINO, Fábio Henrique; PORCHAT, Patricia. **FEMINISMO, IDENTIDADE E GÊNERO EM JUDITH BUTLER: APONTAMENTOS A PARTIR DE “PROBLEMAS DE GÊNERO”**. *Rev. Bras. Psicol. Educ.*, v. 19, n. 01, jan/jun. 2017.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional**. Educação em Revista, Marília, volume 18, número 2, páginas 55 - 70, junho de 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>>. Acessado em: 10/11/2021.

GANDRA, Alana. Brasil ocupa 115º lugar em ranking de mulheres na política. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 30 março de 2017. Disponível em: < [Brasil ocupa 115º lugar em ranking de mulheres na política | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](https://www.ebc.com.br/brasil/115-lugar-em-ranking-de-mulheres-na-politica) >. Acesso em: 30/08/2021.

HAJE, Lara. Bancada feminina na Câmara sobe de 51 para 77 deputadas. **Câmara dos Deputados**, 08 out. de 2018. Disponível em: <[Bancada feminina na Câmara sobe de 51 para 77 deputadas - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](https://www.camara.leg.br/noticias/111111)>. Acessado em: 15/09/2021.

MAZZEU, Fábio. **7 tipos de podcast, s.d**. Disponível em: < [Tipos de podcast: os 7 estilos dos podcasts que fazem sucesso \(feedgurus.com\)](https://www.feedgurus.com/7-tipos-de-podcast) >. Acessado em: 07/11/2021.

Ministro chama senadora de “descontrolada”, gera tumulto e se torna investigado pela CPI. **G1**, Brasília, 21 set. de 2021. Disponível em: < [Ministro chama senadora de 'descontrolada', gera tumulto e se torna investigado pela CPI | CPI da Covid | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/politica/noticia/2021/09/21/ministro-chama-senadora-de-descontrolada-gera-tumulto-e-se-torna-investigado-pela-cpi-cpi-da-covid-g1.globo.com) >. Acessado em: 25/09/2021.

Observatório de Violência Política conta a Mulher. **Transparência Eleitoral Brasil**. Disponível em: < [Observatório de violência política contra a mulher - Transparência Eleitoral \(transparenciaeleitoral.com.br\)](https://www.transparenciaeleitoral.com.br/observatorio-de-violencia-politica-contr-a-mulher) >. Acessado em: 20/09/2021.

PNAD Contínua Trimestral: desocupação recua em quatro das 27 UFs no 2º trimestre de 2021. **Agência IBGE Notícias**, 08 set. de 2021. Disponível em: < [PNAD Contínua Trimestral: desocupação recua em quatro das 27 UFs no 2º trimestre de 2021 | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/noticias/2021/09/08/pnad-continua-trimestral-desocupacao-recua-em-quatro-das-27-uf-s-no-2o-trimestre-de-2021-ibge.gov.br) >. Acessado em: 07/10/2021.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: As interações no podcasting**. Rio Grande do Sul, 2005.

Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. **IBGE**. Disponível em: <[IBGE | Projeção da população](https://www.ibge.gov.br/projecao-da-populacao) >. Acessado em: 03/10/2021.

QUEIROZ, I; FERRAZ, S. **Do lar ao gabinete: O processo de socialização da mulher na política**. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 03, jul – set. 2021.

REIS, Vivian. Caso Isa Penna: em decisão inédita, Alesp suspende deputado Fernando Cury por seis meses por passar a mão na colega. **G1**, São Paulo, 01 abril de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/01/caso-isa-penna-em-decisao-inedita-alesp-suspende-por-6-meses-mandato-do-deputado-fernando-cury-que-passou-a-mao-em-colega.ghtml>>. Acessado em: 30/11/2021.



## **APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas para o episódio do podcast**

### **Perguntas Hannah Maruci:**

- 1- Antes do presidente Getúlio Vargas permitir o voto feminino em 1932 (mesmo que em parte), a constituição de 1891 afirmava que todos os cidadãos maiores de 21 anos eram considerados eleitores brasileiros, com exceção de mendigos, analfabetos, religiosos de ordens monástica. Por que as mulheres não tinham direito ao voto se elas não estavam nessas condições de exceção?
- 2- Qual a importância de uma representatividade feminina ocupando esses cargos?
- 3- As mulheres são mais de 50% do eleitorado brasileiro, segundo o TSE. Como explicar essa contradição com a baixa representatividade de parlamentares e outros?
- 4- A Lei nº 9.504, de 1997, estabeleceu uma cota de 30% de mulheres nos partidos políticos e em 2009, tornou o preenchimento das vagas obrigatório. Essas cotas podem ser consideradas pouco eficientes? Por quê?
- 5- Dentro da política também vemos casos como do Partido da Mulher Brasileira (PMB), onde grande parte de líderes de são homens. Como explicar esse fenômeno?
- 6- Se mulheres só votarem em mulheres, isso pode ser aumentar a representatividade feminina na política?
- 7- O que você acredita que pode melhorar a questão da representatividade feminina?

### **Perguntas Débora Messeberg:**

- 1- Quais são as principais dificuldades que as mulheres enfrentavam na hora de se candidatarem? E quais são as de hoje?
- 2- As cotas implementadas numa tentativa de garantir um mínimo de participação por partido são eficazes?
- 3- Quais outras medidas você acredita que podem ser tomadas?
- 4- O eleitorado feminino é numericamente superior ao masculino. Se mulheres votassem somente em mulheres, isso aumentaria a representatividade feminina? Você acredita que quais são as chances disso acontecer?

### **Perguntas Nathalia Pase:**

- 1- Se presente, por favor.
- 2- Como o jornalismo entrou na sua vida? E a política?

- 3- Você se via cobrindo política quando começou sua vida como repórter?
- 5- E já percebeu alguma diferença de tratamento entre você e seus colegas de trabalho em algum momento?
- 6- Em seus anos cobrindo política, viu diferenças de tratamento entre os parlamentares homens com as mulheres? Se sim, quais?
- 7- Qual a importância de mulheres participarem da política? (eleitorado, imprensa e candidatas)

## **APÊNDICE B - Roteiro do Primeiro Episódio - “Política e Poder”**

### **ROTEIRO 1º EPISÓDIO**

<p><u>LOC 1</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oi, Oi!</li> <li>• Este é o “Desconstruindo a Amélia”.</li> <li>• Um podcast onde falamos de temas em que as mulheres não são bem vindas.</li> <li>• Falamos de espaços em que a presença da mulher é minoritária e ainda causa muita estranheza.</li> <li>• Aqui nós discutimos e ressignificamos esses temas.</li> <li>• Eu sou a Gabriela Gallo e este é o nosso primeiro episódio.</li> <li>• Vamos falar sobre a mulher na política, sobre mulheres candidatas e seus desafios e também sobre a mulher como cidadã e eleitora.</li> </ul>
<p><b>ABERTURA</b></p> <p><u>LOC 2</u></p>	<p><b>RODA VINHETA ABERTURA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em tempos onde se vivencia uma crise política e um país polarizado, a política muitas vezes é vista como algo a ser evitado.</li> <li>• Se analisarmos as figuras femininas ligadas à política, podemos contar nos dedos quantas lembramos de cabeça.</li> <li>• Nos mandatos de 2019 a 2022, o Senado Federal tem menos de 15 POR CENTO de candidaturas femininas, sendo 12 senadoras para as 86 vagas.</li> </ul>

<p><b>BG</b></p> <p><u>LOC 3</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Já na Câmara dos Deputados, no mesmo período, o número de deputadas fecha 15 POR CENTO, totalizando 77 deputadas federais das 513 vagas.</li> <li>• Segundo dados do IBGE, em 2020, as mulheres representam 51,11 POR CENTO da população brasileira.</li> <li>• Mesmo sendo a maioria da nação brasileira, podemos perceber que as mulheres ocupam um espaço e atuação limitados em ambientes de poder e tomadas de decisões.</li> <li>• Mas será que isso é escolha ou falta de espaço?</li> <li>• Ao longo deste episódio, vamos ver que as mulheres não são bem vindas no ramo da política, seja por um machismo estrutural e também por questões históricas.</li> <li>• E como a proposta deste podcast é ressignificar temas ligados à figura da mulher, vamos discutir mais sobre esse assunto.</li> <li>• Então pega seu copo de água e ajeita seu fone de ouvido que o papo vai ser interessante.</li> <li>• Mas para entendermos melhor o assunto, precisamos voltar no tempo.</li> </ul> <p><b>BG RELÓGIO RETROCESSO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para começarmos melhor este episódio vamos focar no sufrágio feminino, que é o direito das mulheres ao voto e a concorrer a cargos eletivos.</li> <li>• Considerado como a primeira onda feminista, o movimento sufragista surgiu no século dezenove, na Inglaterra.</li> <li>• Pela falta de direitos políticos, como o direito a ter propriedades em seu nome e à educação formal, as mulheres passaram a reivindicar por seu direito ao voto.</li> <li>• Essa foi uma das primeiras vezes que os interesses de mulheres de classe média e alta eram os mesmos dos de mulheres pobres e operárias.</li> </ul>
--------------------------------------	--

**BG**

LOC 4

- O que todas tinham em comum era a consciência de que o direito ao voto dava a essas mulheres o poder de escolherem os políticos que norteariam suas atividades.
- Além disso, caso quisessem posteriormente também poderiam se eleger.
- O movimento começou pacífico, com passeatas e cartas a parlamentares, mas depois ganhou forma de militância com manifestações mais marcadas, chegando a serem violentas.
- A Inglaterra foi o terceiro país do mundo a aprovar o voto feminino, em 1918, ficando atrás da Nova Zelândia, em 1893, e da Finlândia, 1906.

### **TRANSIÇÃO**

- Chegamos no Brasil no ano de 1928, no interior do Rio Grande do Norte, em Mossoró.
- A professora Celina Guimarães Viana foi a primeira mulher do país a se inscrever para ser eleitora.
- Ela foi motivada por uma lei sancionada em 25 de outubro de 1927.
- A lei 660 estabelecia não haver mais “distinção de sexo” para o exercício eleitoral.
- Mesmo assim, a professora Celina ainda teve seu voto invalidado pelo Senado.
- No mesmo ano, a professora Alzira Soriano Teixeira foi eleita a primeira prefeita de Lages, também no interior do Rio Grande do Norte.
- Com 60 POR CENTO dos votos, ela era uma mulher num cargo executivo num país onde as mulheres ainda nem podiam votar.
- A constituição de 1891 falava que todos os cidadãos maiores de 21 anos eram considerados eleitores brasileiros, com exceção de mendigos, analfabetos e religiosos de ordens monásticas.
- Mulheres não eram citadas.

<p><b>Sonora Hannah 1</b></p> <p><u>LOC 5</u></p>	<p><b>Realmente não tinha nada que impedisse formalmente as mulheres de votar. Só que isso no fim acabava sendo usado como justificativa pra não dar o direito pra elas, o que é muito contraditório.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Essa é a Hannah Maruci, doutora em ciência política pela USP.</li> <li>• Ela me concedeu uma entrevista sobre o tema desse episódio e, durante a conversa, conta como as pessoas conseguiam burlar a lei.</li> </ul>
<p><b>Sonora Hannah 1</b></p> <p><u>LOC 6</u></p>	<p><b>Como na lei se referia ao cidadão, quando algumas mulheres tentavam pedir, reivindicar o direito ao voto, uma das coisas que se dizia era, ‘ah, mas nada diz que as mulheres não podem votar. A lei não as exclui de votar’, só que na prática, quando iam se alistar pra votar, nem sempre conseguiam ou seja, o que tava implícito nessa ideia de cidadão era o homem, o homem branco e nem se cogitava que a mulher pudesse querer votar. Era uma coisa que não fazia sentido, era tão óbvio que o cidadão é o homem e por que que a mulher quer entrar no meio disso? Não faz sentido. Então, existia esses dois assim, né? Por um lado, uma ideia de cidadão que não contemplou a mulher, por outro, um, uma exclusão que não é explícita e por isso não, não justificaria uma reivindicação por uma mudança legislativa.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• No dia 02 de fevereiro de 1932, Getúlio Vargas concedeu o voto feminino no país.</li> <li>• Entretanto, ele era permitido somente para mulheres viúvas, solteiras com renda própria ou casadas que tivessem a autorização de seus maridos.</li> </ul>

<p><b>BG</b> <u>LOC 7</u></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Dois anos depois, em 1934, o voto feminino foi permitido para todas as mulheres, e passou a ser obrigatório em 1946.</li></ul> <p><b>SEGUNDO BLOCO</b></p> <p><b>BG TRANSIÇÃO</b> (“Desconstruindo a Amélia”, ritmo do início)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, o TSE, as mulheres representam cerca 52 POR CENTO do eleitorado brasileiro.</li><li>• A maior parte das eleitoras estão na faixa etária de 45 a 49 anos.</li><li>• Em seguida, estão as mulheres de 25 a 34 anos.</li><li>• No entanto, isso não se reflete nas candidaturas femininas.</li><li>• Em 2017, o Brasil ficou na posição 115 no ranking mundial de mulheres na política.</li><li>• Em 2020, um levantamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento com o ONU Mulheres, classificou o Brasil em nono lugar dos 11 países sobre os direitos políticos das mulheres na América Latina.</li><li>• Essa contradição, segundo a professora Hannah, está ligada aos estereótipos de gênero.</li><li>• Desde que uma pessoa nasce, o sexo tido como biológico traz diversas expectativas sobre o seu papel social.</li><li>• E essas expectativas não a consideram adequada para fazer política.</li><li>• Conversei também com a socióloga e professora da Universidade de Brasília, Débora Messenberg.</li><li>• Ela explica que a mulher na política está ligada a um âmbito público-privado.</li></ul>
<p><b>Sonora</b> <b>Deborah 1</b></p>	<p><b>A política do âmbito do público, né? E ela a política envolve negociação, ela envolve eh uma ação contínua, né? E ela envolve o interesse, uma problematização eh das questões coletivas. [...] . Então, a gente aprende desde pequena, essa que é a discussão, ou deveria ser, sociedades mais ativas politicamente, as pessoas</b></p>

<p><u>LOC 8</u></p> <p><b>Sonora Hannah 2</b></p> <p><u>LOC 9</u></p>	<p><b>aprendem a ver a política, né? [...] ainda hoje eh as mulheres, isso já tem vários estudos sobre isso, nacionais, internacionais, são aquelas que assumem a maior parte das tarefas domésticas. Então, nesse sentido nós temos um um dia a dia, o cotidiano, muito mais direcionado para o mundo privado do que para o mundo público. E os homens são direcionados para atuarem muito mais intensivamente no mundo público.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Além destas questões, a professora Hannah citou um ponto ligado à violência, a violência política.</li> <li>• A ONU Mulheres considera a violência política de gênero qualquer ação, conduta ou omissão que cause dano ou sofrimento a uma ou mais mulheres.</li> <li>• Ela também vale para induzir as parlamentares a tomarem decisões contrárias à sua vontade.</li> </ul> <p><b>As mulheres sofrem violência política, de gênero, pelo simples fato de estarem tentando ocupar a política. Então, isso ocorre desde antes, então, no partido, quando ela entra, quando ela se afilia prum partido, existem inúmeras formas de ser, de que ela seja coagida, assim, de que ela seja acuada e que ela tenha medo e se sinta desconfortável ali. Então, desde assédio, desde eh, exclusão dos espaços de tomada de decisão, até casos mais graves, de ameaça, de violência física, que ocorre si. E isso ocorre durante a campanha e também depois que a mulher é eleita.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Durante a entrevista, a professora da USP ainda reforçou que a violência política está ligada com questões institucionais e financeiras ligadas aos partidos.</li> </ul>
---	---

<p><b>Sonora</b> <b>Hannah 3</b></p>	<p><b>Pra se candidatar, quem faz o candidato, quem faz a candidata ainda são os partidos políticos, porque eles decidem quanto de dinheiro vai pra cada um? Eles decidem quem vai receber maior influência política, quem vai receber maior acesso a informação, quem vai receber maior estrutura. Isso faz toda a diferença. E os partidos ainda atuam com um padrão machista e racista. Então, quando a gente olha pra quantidade de dinheiro que mulheres receberam que mulheres negras receberam, é muito inferior aos homens, aos homens brancos, principalmente. Então, isso é uma coisa que ainda pesa muito e a definitiva, né?</b></p>
<p><u>LOC 10</u></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Em 13 de julho de 2021, o Senado Federal aprovou o Projeto de Lei 5 MIL 613, de 2020, proposto pela Deputada Federal Rosângela Gomes.</li><li>• Ele estabelece normas para prevenir, sancionar e combater a violência política contra a mulher.</li><li>• Em 5 de agosto, o projeto foi sancionado pelo presidente da República e passou a ser lei.</li><li>• Entretanto, mesmo com a sanção da Lei isso não quer dizer que o direito à voz para mulheres está assegurado.</li></ul>
<p><b>BG</b></p>	<p><b>TRANSIÇÃO</b></p>
<p><u>LOC 11</u></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Para este episódio, eu também conversei com a jornalista Nathalia Pase.</li><li>• Ela cobre política nacional com foco nos três poderes para a BandNews, mas já passou por outros veículos como Poder 360 e TV Globo.</li><li>• Eu pedi para ela me contar situações onde presenciou diferenças de tratamento entre os parlamentares homens com as mulheres.</li></ul>

<p><b>Sonora</b> <b>Nathalia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E os exemplos mais recentes foram os depoimentos da última Comissão Parlamentar de Inquérito, a CPI da Pandemia.</li> </ul> <p><b>A gente teve episódios, como por exemplo, quando o ministro Wagner Rosário chamou a senadora Simone Tebet de “descontrolada”. E isso nunca aconteceu de um homem com um outro homem. Eles acabam batendo boca, mas não se chamam de qualquer coisa ne? Teve também aquele episódio em que a senadora Liziane Gama questionava o ex-ministro da saúde, Eduardo Pazuello na CPI, e o próprio presidente da comissão, o Omar Aziz, pediu para que ela não fosse “tão agressiva” com o depoente. A gente tem outro momento também em que ela pediu a palavra para rebater uma citação ao nome dela e não conseguiu. Alguns dias uma coisa bem parecida aconteceu com a senadora Leila Barros. Ela questionava o ex-chefe da secretaria de comunicação do Palácio do Planalto, o Fábio Wajngarten, num momento em que o Marcos Rogério, que é da tropa de choque do governo federal. E ele disse “calma senadora, não fique nervosa”. Teve um grande bate-boca envolvendo isso. Até que o vice-presidente da CPI, o Randolfe Rodrigues falou “olha, tem uma senadora falando, a gente tem que assegurar a palavra a ela”.</b></p>
<p><u>LOC 12</u></p> <p><b>BG</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Além destes casos, a jornalista também ressalta que todos os 11 membros titulares e 7 suplentes da comissão eram homens.</li> <li>• A exceção no caso foi a participação da bancada feminina, após muito insistir em participar.</li> <li>• O mais curioso é que, em todos esses exemplos, quando a mulher tenta ter voz, ela tenta ser apagada com a desculpa que está sendo “muito agressiva”.</li> </ul> <p><b>TERCEIRO BLOCO</b> <b>BG TRANSIÇÃO (“Desconstruindo a Amélia”, ritmo do início)</b></p>

LOC 13

- Em 1995, a deputada federal Marta Suplicy, criou a Lei 9 mil 100, a qual reservava no mínimo 20 POR CENTO da lista de candidatos de cada partido para candidatas mulheres.
- A proposta foi apelidada de “Lei das Cotas”, mas se limitava às Câmaras Municipais.
- Dois anos depois, em 1997, o Brasil precisava de um sistema eleitoral unificado já que cada eleição decretava novas leis.
- Isso abria margem para que toda eleição se criasse uma série de regras eleitorais, unicamente para se obter benefícios.
- Portanto, a proposta era padronizar o sistema eleitoral.
- Com essa proposta, em 30 de setembro, foi aprovada a Lei 9 mil 504, conhecida como “Lei das Eleições”.
- Esta nova lei aumentou de 20 para 30 POR CENTO a cota mínima de candidatas para os partidos de qualquer ramo político.
- Com a reforma eleitoral, em 2009, a Lei 12 MIL 034 tornou essa porcentagem mínima obrigatória.

**BG**

LOC 14

### **TRANSIÇÃO**

- Mesmo obrigatório, esse cenário jurídico não fez muita diferença na prática.
- A quantidade de candidaturas femininas ainda é limitada, sendo possível ser contada nos dedos.
- Conseqüentemente, isso reflete em uma baixa representatividade feminina nos três poderes.
- Segundo o TSE, nas eleições de 2014 a 2018, as candidatas mulheres representaram 31 POR CENTO do total.
- Esse dado aumentou um pouco nas eleições em 2020, subindo para 33 POR CENTO.
- Mas os números continuam pouco acima do obrigatório.

Será que isso significa que as cotas são ineficientes?

<p>Sonora Hannah 4</p> <p><u>LOC 15</u></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• A professora Hannah explica que, mais do que candidaturas, é necessário garantir cadeiras no parlamento.</li></ul> <p><b>Eu não diria que a lei de cotas de candidatura é ineficiente. Eu diria que ela ainda é insuficiente porque ela coloca trinta por cento de candidaturas e não de cadeiras e ainda só trinta por cento. Sendo que mulheres são mais de cinquenta por cento da população</b></p> <p><b>Os partidos pra cumprir esse trinta por cento, eles demoraram anos, então a primeira vez que eles chegaram nos trinta por cento de candidatura só em dois mil e quatorze, sendo que a gente tem essa lei desde mil novecentos e noventa e sete e ainda assim esse cumprimento é muito precário, por que precário? Por quê como não investem em candidaturas de mulheres, os partidos alegam não ter essas candidaturas pra completar trinta por cento e acabam colocando ali candidaturas laranjas, são pessoas que não vão, não são candidatas realmente viáveis, que nunca serão eleitas, mas que tão ali pra cumprir uma cota, mas aí eu alerta, o problema não é da lei o problema dos partidos, os partidos tem que se adequar, as mulheres são quase metade das filiadas aos partidos políticos, o que é preciso é investir nessas mulheres, investir nessas candidaturas ao invés de continuar achando modo de sempre burlar essas leis e depois colocar a culpa na lei. A culpa não é da lei, a lei é necessária e mínima ao que a gente tem, e o que a gente precisa é de uma mudança nos partidos políticos.</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Além do sistema de cotas, a professora da UnB também me disse quais podem ser outras medidas que ela acredita que funcionem.</li></ul>
---	--

<p><b>Sonora</b> <b>Debora 2</b></p>	<p>A questão das medidas, eu acho que tem que esta diretamente relacionado ao trabalho, né? Eh que passa pelo próprio eh educação primária no sentido de estimular a participação política, não só das mulheres, mas dos homens também, mas A verdade, eu não acredito numa mudança da participação feminina, se não houver uma mudança de mentalidade também da sociedade em relação à política. Então, acho que nós precisamos aprender desde o jardim de infância, que a política é uma ação tão natural e tão necessária para todos nós, como qualquer outra busca individual para a sua profissão e coisas nesse sentido. Então, a política, ela é algo que faz parte do nosso cotidiano. E ela deve ser aprendida como uma ação que todos devemos participar. E aí, nesse sentido isso abriria muito a mentalidade de uma maneira geral. Com relação a questão das cotas, eu acho que elas devem continuar existindo, mas elas devem existir concretamente, ou seja, trinta por cento também do financiamento dos partidos, tem que ser direcionado, no mínimo, para as candidaturas femininas.</p>
<p><b>BG</b></p>	<p><b>TRANSIÇÃO</b></p>
<p><u>LOC 16</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao longo do que foi discutido neste episódio, reforçamos que as mulheres são maioria tanto do eleitorado quanto da população.</li> <li>• Se mulheres só votarem em mulheres, isso aumentaria a representatividade na política?</li> <li>• Para responder melhor essa pergunta, perguntei primeiro para Hannah e depois para a Débora.</li> </ul>
<p><b>Sonora 5</b> <b>Hannah</b></p>	<p>Se todas as mulheres votarem em mulheres, com certeza a gente tem uma, uma situação mais próxima de uma igualdade de gênero. Por outro lado, eu acho que a igualdade, a igualdade de</p>

<p><b>Sonora</b> <b>Debora 3</b></p>	<p><b>gênero tem que ser interesse da população como um todo, porque isso diz respeito à democracia, isso diz respeito à justiça da nossa democracia e da qualidade da representação.</b></p> <p><b>Em primeiro lugar, eu acho que é uma questão importante, porque não necessariamente, mulheres eh, elas atuam em favor de mulheres. Então, tem vários estudos também sobre a produção legislativa de deputadas e muitas vezes elas atuam de uma maneira, eh, a meu ver, contrária aos interesses femininos. Então, nesse sentido, a representação física é uma questão importante no sentido até de mostrar o leque ideológico. E a diversidade do feminino numa sociedade. Mas isso não garante, efetivamente, que a participação de mulheres na política, seja igual a uma representação dos interesses femininos na sociedade.</b></p>
<p><u>LOC 17</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quanto à diversidade feminina, a jornalista Nathalia Pase também comenta que uma maior presença feminina traz maior pluralidade de pensamentos.</li> </ul>
<p><b>Sonora</b> <b>Nathalia</b></p>	<p><b>É necessário demais a gente destacar a importância da mulher na política no sentido da pluralidade do pensamento, dos pontos de vista, das prioridades, da sensibilidade. Até porque a mulher tem um grau de comprometimento, disciplina e organização que faz muito bem à política e até, às vezes, maior que o dos homens.</b></p>
<p><u>LOC 18</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E relacionando todos esses fatos com o tema deste episódio, qual vocês acreditam que é a importância da representatividade feminina na política?</li> <li>• Para responder a essa pergunta, vamos ouvir a professora Hannah que soube ser bem didática sobre o assunto.</li> </ul>

<p><b>Sonora</b> <b>Hannah 6</b></p>	<p><b>Quando a gente fala exatamente no termo representatividade, a gente tá falando num viés simbólico da representação. Então, a gente tá falando o que que essas pessoas que estão representando são espelhadas, né, de que forma elas são espelhadas e, realmente, representam a composição da população. Então, [...]quando a gente olha pro Congresso Federal, por exemplo, são oitenta e cinco por cento homens. Isso não corresponde, ou seja, não é representativo da população, que tem cinquenta e dois por cento de mulheres. E ainda mais grave quando a gente olha na proporção, na proporcionalidade em relação a mulheres negras, que não chegam a dois por cento no Congresso Federal e não muda muito nos, nas outras instâncias, né? Estadual e municipal. Então, a importância é, em primeiro lugar, pra eu entender e almejar estar nesse lugar, eu preciso me ver ali então, se eu sou uma pessoa, uma mulher que cresce vendo, imaginando a política sempre como um lugar de homens, a chance de eu olhar pra esse lugar e pensar que eu posso tá ali é muito pequena, né? Isso, isso corresponde a uma barreira à entrada das mulheres na política. [...]</b></p> <p><b>Quando a gente tem uma distância tão grande entre quem formula e quem é público alvo é muito difícil que essa política pública corresponda às verdadeiras necessidades e demandas desse público. Então se a gente não tem as mulheres, se a gente não tem as mulheres negras ali legislando e pensando e formulando as políticas públicas, a efetividade dessas políticas públicas cai muito.</b></p>
<p><b>BG</b> <u>LOC 19</u></p>	<p><b>BG TRANSIÇÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Percebemos que, mesmo com a constante luta feminina em ter voz em espaços públicos, sempre haverá resistência daqueles que já ocupam e sempre ocuparam esse espaço.</li> <li>• Mas apesar de desanimador, toda mudança começa de algum lugar.</li> </ul>

<p>Sonora Nathalia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pautas como sufrágio, direitos sexuais e reprodutivos, liberdade e independência financeira não seriam possíveis se alguém no passado não tivesse lutado para conquistá-los.</li> <li>• E essa luta e conquista em uma democracia, vem do voto.</li> <li>• Para fechar este episódio, a Nathalia deixou um recado, no qual eu faço das palavras dela, as minhas.</li> </ul> <p><b>São grandes obstáculos que às vezes acabam desestimulando muitas mulheres a entrarem na política. Só que a gente ressalta: mulher tem capacidade de participar de tudo. E a experiência política pode começar liderando uma comunidade, um condomínio. Enfim, a gente tem que ocupar o nosso local de fala, seja como imprensa, como candidata e como eleitora. A gente tá nessa batalha diária que a gente vem fazendo há muito tempo, e é preciso que as instituições olhem e apoiem mais as mulheres na política, na imprensa. Elas precisam representar a maioria das eleitoras do país, mas não só isso. A presença feminina nesse campo todo traz benefícios para toda a população, além de trazer uma maior igualdade de gênero, algo que é essencial na sociedade que a gente vive. É um caminho longo, é um caminho cansativo, muita gente acaba desistindo no meio do caminho, mas gente não pode para, a gente não pode desistir não.</b></p>
<p>BG</p> <p><u>LOC 20</u></p>	<p><b>RODA VINHETA ENCERRAMENTO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A gente fica por aqui!</li> <li>• Um agradecimento especial para todas as minhas entrevistadas e a você que está escutando.</li> <li>• E não percam o nosso próximo episódio. Vamos discutir sobre a mulher no esporte.</li> <li>• Este episódio contou com roteiro, produção e edição de Gabriela Gallo, com orientação da professora Mônica Igreja.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• A música de abertura e encerramento é “Mulher Maravilha” da banda Terra Celta.</li><li>• A trilha sonora é composta pela música “Desconstruindo a Amélia”, da cantora Pitty, além de áudios da biblioteca do youtube.</li><li>• Até a próxima!</li></ul>
--	--